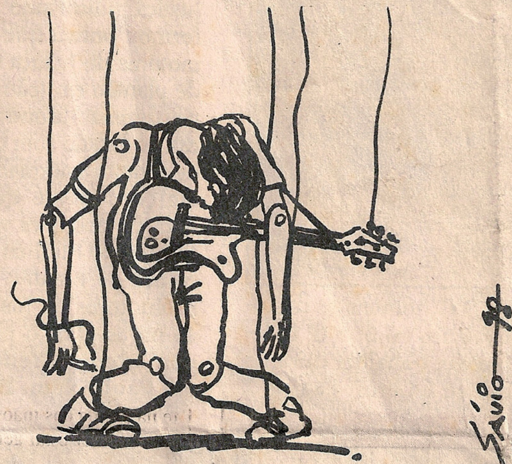
Rafael, o pequeno polegar

Rivaldo Targino da Costa
Engenheiro e escritor



Uma garota tranqüilamente andava pelas ruas de São Paulo, quando de repente foi abordada por um rapaz magricela, pertencente à classe média e que já fora famoso. Não pretendia dar autógrafo ou iniciar uma amizade com a moça. Ao contrário, sob a ameaça de uma arma, pediu-lhe dinheiro, pois precisava de alguns reais para adquirir papelotes de crack do comparsa que o esperava na esquina próxima ao local. O caso virou notícia nacional e o vilão dessa história teve o seu rosto estampado nas capas das principais revistas do país. Assaltante ou viciado? A mídia está dividida. Uns insistem em considerar o autor da infração penal cometida como um doente químico-dependente que deve ser tratado; outros, mais contundentes, querem vê-lo atrás das grades do Carandiru, sem qualquer privilégio. Com quem está a razão?

Rafael, um jovem de vinte e cinco anos, fez parte do grupo musical Polegar, produzido por Gugu Liberato e no qual percorreu o Brasil fazendo shows, no auge de sua curta aventura turística. O sucesso veio cedo e a vida parecia moleza. Até a atriz Cristiana Oliveira foi sua namorada. Na frente das câmaras, trocavam beijos ardentes e carícias eróticas, induzindo o espectador a pensar que o bizarro casal seria feliz para sempre. No entanto, a casa caiu e o nosso herói virou bandido. Algemado, foi jogado num camburão e encontra-se trancafiado à disposição da Justiça.

Tive a oportunidade de observá-lo pessoalmente. Na época, o Polegar fazia muito sucesso. Como também sou guitarrista (nas horas vagas!), fui conferir de perto quem fazia o solo e o contra-ponto dos arranjos. No palco estavam aqueles garotos, fazendo o maior frenesi e, na platéia, as poleguetes gritavam numa algazarra geral. Para minha surpresa, a apresentação não era ao vivo, mas mimicada. Nenhum dos componentes do Polegar sabia segurar o instrumento que exibia ao público. O guitarrista não conseguia disfarçar a digitação errada de um simples acorde de dó maior e tampouco marcar o ritmo correto de um compasso quaternário ou harmonizar a linha melódica que balbuciava. O grupo não acertava as letras do repertório tocado em play back. Que decepção! Sem dúvida, uma farsa, uma armação montada pelas gravadoras, em concluio com os programas de televisão.

Passada a fase das galinhas gordas, veio a realidade, a penúria de uma enganação pública. O rapaz viu-se desprotegido, sem talento, dinheiro ou amigos na praça. Todos se afastaram, deixando-o a mercê da própria sorte. Perdeu a frágil auto-estima e enveredou-se pelo submundd do crime. A grana que conseguia arrancar das vítimas que assaltava sempre era pouco, diante do vasto cardápio marginal do dia. No café da manhã, pedrinhas de crack. No almoço, cigarros de maconha. No jantar, cheiradas de cocaína. No lanche - coisa mais leve, - bolinhas de barbitúricos e, opcionalmente e, opcionalmente, picadas de psicodélicos, diretamente aplicados na veia. Tudo isso custa muito caro - no bolso, na saúde, no caráter e, principalmente, no coração do país, impiedosamente impotentes para suportar a situação altamente estressante.

Com Pixote foi a mesma coisa. Usaram e abusaram do menino, até quando este rendia utilidade comercial. Depois o abandonaram na sarjeta dos viadutos, onde acabou crivado de balas, disparadas pelos fuzis da polícia carioca. Portanto, não é a primeira vez que alguém se afunda na armadilha dos produtores e empresários detentores dos grandes grupos econômicos e dos meios de comunicação de massa. Pena que a sociedade é a maior vítima desse infortúnio.

Rafael me fez lembrar um outro fato, ocorrido quando eu morava na Vila Nova da Rainha. Por volta das duas horas da madrugada, fui acordado pelos gritos desesperados de socorro da vizinha, pedindo-me para acudir o seu filho. Num dos banheiros daquela casa, sob a água que fluía do chuveiro, encontrava-se o rapaz, vestido apenas de calção, terrivelmente pálido e com os olhos vermelhos revirados. Estava estendido sobre a poça do sangue que descia esgoto abaixo e muito mal respirava. De corpo esquelético, tinha os braços completamente recobertos por visíveis cicatrizes, deixadas pelas agulhas envenenadas que usualmente utilizava. Na luxuosa pia de mármore ao lado, via-se a arma da cena, ampolas de vidro da forte droga que acabara de injetar nos pulsos - duas quebradas e uma ainda inteira. De família rica, alucinava-se numa rotina de malandragens, que oscilava entre festinhas servidas ao som distorcido do rock metálico de bandas americanas e orgias sexuais com adolescentes. Para isso, dispunha de um moderno apartamento no fundo do quintal, especialmente construído para ele. Perturbava os vizinhos e não raro me usurpava a solução dos problemas de física quântica que eu quisera tanto resolver. Poucos meses depois de ter sido internado numa clínica particular de recuperação de usuários de drogas, seu pai, que passara a vida trabalhado para dar conforto à família, morreu de um infarto fulminante. Sua pobre mãe não aguentou a carga emocional da barra pesada a que continuamente se submetia e faleceu da mesma forma. O infeliz até hoje - entre uma *overdose* e outra - vive em constantes sessões de desintoxicação. Os irmãos mais velhos entregaram o caso a Deus.